

# FERNÃO MENDES PINTO A (DES)CONSTRUÇÃO DO “OUTRO” EM ÁFRICA

**Aluna: Joice de Souza Santos**  
**Orientadora: Flavia Maria Schlee Eyler**

## **Introdução**

A *Peregrinação* de Mendes Pinto mostra a busca do autor em conseguir melhores condições que na sua própria pátria, através das suas aventuras na África, na Índia, na China e no Japão. Para Costa Lima, o cunho religioso do título do relato é explicado porque a trama desenvolve-se motivada pelo possível lucro. Isto ocorre porque o autor vive em um período transitório entre o medieval, extremamente religioso, e o moderno, em que a Igreja divide espaço com a mercancia.

Esta dualidade é observada ao longo do discurso e na montagem do mesmo. Visto que a transcrição segue o modelo dos historiadores da Antiguidade, em que há uma obrigatoriedade da descrição factual dos acontecimentos e a prova testemunhal dada, principalmente pela primazia do ver sobre o ouvir, ou seja, a narrativa é constituída de forma que os fatos sejam considerados verossímeis.

E é este testemunho que modificará o olhar do narrador, visto que este sofre uma transformação interna através das viagens realizadas quando através do “outro” crítica, mesmo que indiretamente, a ação colonizadora portuguesa.

Assim, o estudo da obra de Mendes Pinto nos permitiu trabalhar com novas possibilidades tanto do gênero autobiográfico quanto do relato de viagem. Está permitindo, também, que se encontre o campo de experiência do “autor” como modificação de seu horizonte de expectativas através do encontro com outras formas de organização social e costumes diferentes dos do mundo cristão.

Neste sentido, a pesquisa visa, através da análise do discurso, estabelecer a construção do “outro” no relato de Fernão Mendes Pinto, mais precisamente o “africano”, meu objeto de estudo, considerando no relato os embates entre aquilo que era esperado e o que foi experienciado.

## **Objetivos**

A pesquisa objetivou, até então, analisar o relato de Fernão Mendes Pinto através de questões realizadas a partir do discurso, mais especificadamente, as que dizem respeito à alteridade. Isto nos permitiu identificar a (des)construção deste “outro” através das figuras de linguagem e as mudanças ocorridas nos lugares comuns o que significa dizer que os termos que universalizam o bem ou o mal sofrem ligeira modificação; no caso do relato, quando são atribuídos, ao “inimigo”, os valores cristãos.

## **Metodologia**

Para nortear este projeto, a referência teórica diz respeito à aproximação entre os campos da História e da Literatura. Maurice Collis, citado por Costa Lima, diz que “*nenhum episódio pode ser completamente tomado como uma fonte direta para a história, mas o conjunto vivifica enormemente nossa apreensão da história*” [1]. Neste sentido, vamos entender a *Peregrinação* como uma viagem inserida no seu tempo e como uma viagem da própria linguagem. Dizer a alteridade é também enfrentar os limites do mesmo.

## Conclusões

A análise dos capítulos, através de questões sobre as figuras de linguagem, nos permite perceber uma mudança na forma de se entender o(s) “outro(s)” e que só foi possível a partir da experiência comunicada no relato. É exatamente o fato de “estar no mundo” que dá condições ao autor do relato mudar seu campo de experiência e seu horizonte de expectativas.

Como se pode perceber em um dos capítulos, intitulado *De hum motim que houve nesta cidade, e da causa; e do sucesso dele, e por que via eu fuy daquy levado a Ormuz*, Fernão Mendes Pinto passa do universal ao particular ao conceber a idéia de que nem todos os Turcos pensam da mesma forma, que há dissensão entre eles e que, possivelmente, possam ter qualidades positivas.

O trabalho permite perceber a linha tênue pela qual o autor do relato transita, ora concebendo o mundo como prefiguração, ou seja, como realização de uma história tal qual entendida no capítulo III, em que Mendes Pinto encontra a mãe de Preste João; ora mudando suas expectativas de acordo com a realização ou não de seus anseios e necessidades através da experiência.

A partir deste ponto, buscaremos problematizar – em consonância ao meu objeto de estudo: a construção da imagem do “africano” – esta mudança de paradigmas através da análise do discurso, principalmente no tocante às alegorias referentes aos inimigos, seja da fé cristã ou da própria sobrevivência do nosso narrador.

## Referências

1 – LIMA, Luiz Costa. **O Redemunho do Horror: As margens do Ocidente**. Rio de Janeiro: